

Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1988.

Exm^o.Sr.
Dr. Raphael de Almeida Magalhães
MD Secretário de Educação e Cultura
do Estado do Rio de Janeiro

Senhor Secretário

Assumi a direção da Escola de Artes Visuais em agosto de 1987.

Os cinco meses do semestre passado foram consumidos em demoradas e exaustivas discussões da direção com professores e alunos em torno da reformulação da estrutura de ensino da Escola, definição de um calendário de exposições e eventos, solução de problemas urgentes de ordem administrativa e de reaproximação com a direção do Jardim Botânico e da Associação de Moradores do Jardim Botânico.

A nova EAV começou a funcionar em março deste ano, após um curso de férias (janeiro/fevereiro) que funcionou como ensaio geral. Com a nova estrutura houve maior integração entre as matérias práticas e teóricas, congregadas em núcleos, criou-se um núcleo central ou praça, foram ampliadas as atividades extra-ateliê, criou-se uma programação de fim de semana e promoveu-se um Fórum de Idéias, com conferências e debates diários durante quatro meses ininterruptos, que contou, inclusive, com a presença de V.Excia.. Os alunos foram beneficiados com uma carga horária intensa e a comunidade carioca passou a ter, na Escola de Artes Visuais, mais um centro de atividades culturais.

Foram promovidas no primeiro semestre as exposições "Missões: 300 anos - A visão do artista" (patrocinada pelo Grupo Iochpe), "Le déjeuner sur l'art - Manet no Brasil", "Uma escultura para o Mar de Angra" (com apoio da TurisRio), exposições de alunos e a mostra individual de Luiz Zerbini (com patrocínio do Banco Francês e Brasileiro) e, no segundo semestre, "68 x 88 - No Balanço do Anos" (em conjunto com a Fundação-Rio e a Secretaria de Cultura do Município). Todas estas exposições tiveram ótima repercussão, inclusive a dos alunos, que mereceu elogios, por escrito, do crítico Richard Martin da Universidade de Nova York, em visita ao Rio de Janeiro.



Com exceção de "Le déjeuner sur l'art - Manet no Brasil", que nos custou pouco mais de Cz\$200.000,00 à época, todas as demais não implicaram em qualquer despesa para o Estado. Ao contrário, com "Missões: 300 anos - A visão do artista" reformamos a galeria de arte, parte do sistema elétrico e o sistema de iluminação. Com "Uma escultura para o Mar de Angra", pudemos construir bases para esculturas e adquirir vidros, com a individual de Luiz Zerbini recebemos, cash, Cz\$400.000,00. A mostra "68 x 88 - No Balanço dos Anos" custou aproximadamente Cz\$4.000.000,00 e se nada sobrou, para nós, em dinheiro, nada custou ao Estado. Foi paga, como vimos pela Prefeitura e o seguro das obras, no valor de Cz\$850.000,00, foi coberto pelo BANERJ.

Na área de ensino a situação não é diferente. Em agosto, a professora Angela Eames deu um curso de desenho e pintura na EAV. A passagem foi paga pelo Conselho Britânico. O mesmo acontecerá com Michael Kidner, que virá em novembro. Estamos preparando um convênio com a Visual Arts School, de Nova York através do qual o laboratório de fotografia da EAV será equipado com sete copiadores, além de outros equipamentos. Entre 26 deste mês e 9 de outubro, o Cine Clube da Escola de Artes Visuais vai realizar mostra da Bienal Internacional de Filmes sobre Arte, realizada ano passado pelo Centro Pompidou, de Paris, com o apoio do Consulado da França, no Rio de Janeiro.

Finalmente, os cartazes e folders de divulgação dos cursos do primeiro e segundo semestre e do Fórum de Idéias foram impressos gratuitamente pela Gráfica Europa. Temos conseguido ainda, de outras empresas, doação de materiais bem como a colaboração gratuita de profissionais liberais, artistas e intelectuais.

Como se vê, o que a Escola de Artes Visuais fez, sem qualquer ônus financeiro para o Governo do Estado, é enorme. Sem esquecer, também, o êxito de nossos alunos em salões de arte realizados no Rio, São Paulo, Belo Horizonte. Tudo isto rendeu farta publicidade para o Governo do Estado nos jornais, revistas, televisões e rádios - gratuita naturalmente. Sem polêmicas, sem fofocas, com amplo apoio da comunidade artística brasileira, das associações de bairros, a Escola de Artes Visuais é um êxito indiscutível. Prova disso é a solidariedade imediata e espontânea que recebeu face à agressiva entrevista do ex-diretor do Jardim Botânico, Antonio Dantas Machado, após a decisão do Supremo Tribunal de Recursos que deu ganho de causa ao IBDF em sua disputa com o Estado pela posse da antiga mansão do Lage. No dia seguinte à entrevista, cerca de 500 pessoas se reuniram na EAV para apoiá-la em emocionante manifestação. Dezenas de cartas chegaram de todo o Brasil e milhares de assinaturas foram apostas em um manifesto pedindo a permanência da EAV no Parque Lage e a realização da Bienal de Esculturas ao Ar Livre.



Qual tem sido a contrapartida do Estado por tudo isto que estamos fazendo pela cultura do Rio de Janeiro? Nenhuma. Ou quase nenhuma. Ressalvadas as tentativas que vem sendo feitas visando solucionar o impasse com o IBDF - das quais, entretanto, não temos participado, assim como nunca somos informados do conteúdo real das conversações ou dos documentos eventualmente assinados, o Estado nada fez pela Escola, a não ser cobrir as despesas com parte do pessoal, luz, água e telefone - que são mínimas. A EAV tem apenas quatro professores do Estado, todos os demais são pagos com recursos oriundos das mensalidades dos alunos, inclusive alguns funcionários.

A carga horária excessiva, as atividades gratuitas oferecidas à comunidade (Forum de Idéias, programação de fins de semana, o aumento de despesas com pessoal e material provocada pela nova programação, inclusive exposições), tudo isso resultou, no final do primeiro semestre, num déficit de Cz\$3.620.000,00. Este déficit foi coberto, parcialmente, com o deslocamento, para o setor de cursos, das sobras em dinheiro do setor de exposições, especialmente da doação que recebemos da Corretora Magliano S.A. em março deste ano destinada à exposição "Cerâmica Brasileira Hoje", no valor de Cz\$1.000.000,00 e que aplicada no over chegou a Cz\$1.900.000,00; mais o aluguel da Escola para filmagens etc. Mesmo assim foi preciso atrasar o pagamento dos professores em julho, à espera das novas inscrições do segundo semestre. A mostra de cerâmica foi adiada para abril/maio do ano vindouro, mas ainda continuamos com déficit.

Vejamos agora o caso da Bienal de Escultura ao Ar Livre do Rio de Janeiro, em torno da qual se criou enorme expectativa nacional e cuja realização ajudaria a recuperar parte da imagem do Rio de Janeiro como capital cultural do país.

O projeto da Bienal do Rio está pronto desde novembro do ano passado. Só em fevereiro deste ano, com apoio do ex-Secretário de Cultura, Eduardo Portela, foi encaminhado ao Governador que o aprovou, recomendando à Subsecretaria de Planejamento, o estudo de um crédito suplementar. Ao assumir a Secretaria de Cultura em março último, V.Excia. deu demonstrações de apoio à Bienal, "pressionando" a Subsecretaria de Planejamento para aprovar e liberar os recursos, inclusive para obras na Escola de Artes Visuais, necessárias à realização da Bienal. E se prontificou, igualmente, a atrair recursos da iniciativa privada.

A verba para a realização da Bienal, no valor de Cz\$130.720.851,00, sendo Cz\$53.792.851,00 destinados a obras, só foi publicada no Diário Oficial no dia 10.06.88. Ao mesmo tempo, por iniciativa de V.Excia. foram iniciadas conversações com o Syndarua, que reúne os principais armadores do Rio de Janeiro, para que aqui sem financeiramente a Bienal.



As duas medidas, naturalmente, vieram com muito atraso, por isso mesmo, autorizados por V.Excia., já havíamos iniciado a produção da Bienal, imprimindo e distribuindo para todo o Brasil o Regulamento da Bienal, definindo prazos, formas de participação e apoio técnico e financeiro aos artistas. Disse inúmeras vezes, a V.Excia. que publicado o Regulamento, não haveria mais recuo. A esta altura, já surge o impasse com o IBDF. O texto do Regulamento foi enviado ao diretor do Jardim Botânico, Antonio Dantas Machado, antes de ser impresso. Queria sua aprovação. Ela não veio. V.Excia. sempre dizia estar tudo sob controle, me autorizando a ir em frente. Eu fui. Reuni o júri da Bienal, que escolheu os 25 artistas que iriam com por a sala especial no Terraço da EAV, mais os 10 que fariam obras para o Parque Lage. Os vinte restantes seriam selecionados entre os inscritos livremente. Chegaram 600 obras de todo o Brasil, assinadas por 395 artistas. O júri reuniu-se pela segunda vez, selecionando os 20 restantes. Ao mesmo tempo, iniciava-se a organização de duas salas especiais, sobre múltiplos tridimensionais e desenhos de esculturas. Os artistas convidados mandaram os protótipos de suas obras. O quadro da Bienal estava completo.

Apesar disso, a Escola de Artes Visuais, a quem cabe executar a Bienal em nome do Estado, nada recebia, e mesmo deficitária cobriu as despesas com a publicação do Regulamento, viagem, hotel, alimentação e jeton do júri, contratação de novos funcionários etc. Estas despesas somam, hoje, 1.808,83 OTN's como está no quadro anexo.

Além disso, assumiu compromissos com várias empresas e profissionais para a realização de fotografias, design e publicação dos dois catálogos, montagem da exposição etc. Mais: toda a parte didática da Bienal já está montada, inclusive o Simpósio Internacional de Escultura em Espaços Públicos, que terá a participação de 33 especialistas entre críticos, historiadores, artistas e administradores culturais, dos quais, 10 do exterior (Estados Unidos, Europa e América Latina).

Ciente de que a inflação corroe qualquer orçamento, mesmo se calculado em OTN, a Escola de Artes Visuais também buscou recursos em outras fontes, e para isso elaborou minuciosos projetos, que estão em face de aprovação.

Finalmente, os artistas selecionados ou convidados, começaram a construir suas obras, para isso adquirindo materiais, equipamento, contratando pessoal etc. O prazo para entrega da primeira das três parcelas da ajuda de custo, no valor de 726 OTN's cada uma, foi vencido, de acordo com o Regulamento, no último dia 5. Pedimos mais dez dias de prazo, ao mesmo tempo que enviamos um Termo de Compromisso assinado pelo curador geral da Bienal. Todos os artistas já assinaram o documento. Mas veio dia 15 e o dinheiro não saiu.



As obras que seriam realizadas na Escola de Artes Visuais, já drasticamente reduzidas ao terraço, não foram iniciadas nos prazos previstos, apesar de aprovadas pela EMOP e conhecida a firma ganhadora da licitação.

Para permitir que as conversações entre o Estado e o Governo Federal em torno da decisão do Tribunal Federal de Recursos que deu ganho de causa ao IBDF chegassem a bom termo, a direção da EAV, mesmo pressionada por alunos, professores, pela Associação de Moradores do Jardim Botânico e pela comunidade artística brasileira, no sentido de tornar a campanha mais agressiva, inclusive com a ocupação simbólica da mansão dos Lage, recuou, à espera de uma solução diplomática. Mas esta solução também não veio, e o Jardim Botânico sentindo-se forte, nos mantém como em cárcere privado, proibindo qualquer evento na Escola, dificultando a entrada de obras de arte na Escola e até de veículos dos jornais e televisão, fazendo ameaças constantes, intimidando funcionários, professores e alunos com medidas repressivas etc.

Finalmente, o acordo com os empresários da área privada, também não saiu, o que nos impede de adquirir as obras que serão expostas no terraço, dar a ajuda de custo aos artistas e editar os dois catálogos da Bienal.

Diante de tal quadro, escrevi carta (15.09.88) a Regina Clara Simões Lopes, Diretora do Departamento de Estudos, Pesquisas e Patrimônio, analisando a situação difícil da Bienal, dizendo que só via duas saídas: suspendê-la ou adiá-la para janeiro. No primeiro caso, o desgaste seria enorme: para o Governo do Estado, para a Escola de Artes Visuais e para mim. E além do desgaste fica a pergunta: como serão ressarcidas as despesas feitas até aqui pela EAV, pelos artistas e por todos aqueles que estão trabalhando para a Bienal, em alguns casos desde novembro do ano passado?

O adiamento, claro, traria também problemas, especialmente em relação ao Simpósio Internacional, cujos participantes, como vimos, já foram convidados. Na carta afirmei que só aceitaria o adiamento da Bienal para janeiro, 1989, se fossem atendidas as seguintes medidas: repasse integral e imediato do dinheiro para a Associação de Amigos da EAV, autorização escrita do IBDF para a realização da Bienal, assinatura do acordo com o Syndarma, com antecipação do dinheiro via BANERJ ou outro caminho, e uma carta assinada por V.Excia. ou pela Subsecretária Aspásia Camargo endereçada aos artistas, comunicando o adiamento.

Aguardei uma resposta até ontem. Ela não veio. Assim, não me resta outro caminho senão o de comunicar meu afastamento da curadoria geral da Bienal, o que faço, neste momento, em caráter irrevogável. Com meus protestos de elevada estima e consideração, subscrevo-me,

Cordialmente,

FREDERICO MORAIS
Escola de Artes Visuais
Matrícula 263-738-7
DIRETOR